

## **A Construção da Plataforma Digital Interativa do Mapa Etno-Histórico, de Curt Nimuendajú**

### **The Construction of the Interactive Digital Platform of Curt Nimuendaju's Ethno-Historical Map**

Jorge Domingues Lopes<sup>1</sup>

Marcus Vinicius Carvalho Garcia<sup>2</sup>

#### **Resumo**

Este artigo apresenta os resultados parciais da pesquisa que visa à documentação das várias versões do Mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendajú, produzidas nos anos de 1942, 1943, 1944, cuja primeira versão foi publicada em 1981 pela Fundação Instituto de Geografia e Estatística, em colaboração com a Fundação Nacional Pró-Memória (reeditada nos anos de 1987 e 2002).

Palavras-chave: Mapa Etno-Histórico, Curt Nimuendajú, diversidade linguística no Brasil, plataforma digital interativa, Línguas indígenas brasileiras.

#### **Abstract**

This paper presents the partial results of the ongoing research aiming the documentation of the various versions of the Ethnohistorical Map elaborated by Kurt Nimuendajú in 1942, 1943 and 1944, whose first version was published in 1981 by the Statistic Geographical Institute Foundation, in collaboration with the Pro-Memory National Foundation (reedited in 1987 and 2002).

Keywords: Ethnohistorical Map, Curt Nimuendajú, Linguistic diversity in Brazil, Interactive Digital Platform; Brazilian Indigenous languages.

#### **Introdução**

Há pouco mais de 70 anos, o pesquisador alemão Curt Nimuendajú faleceu. Mudando-se ainda jovem para o Brasil, onde construiu uma das mais brilhantes carreiras como estudioso das línguas e culturas de diversos povos indígenas, tornou-se também fervoroso defensor desses mesmos povos.

Além das diversas publicações de trabalhos linguístico-etnográficos relacionados aos diferentes povos com os quais teve a oportunidade de

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto do Campus Universitário do Tocantins/Cametá-UFPA. E-mail: [jdlopes@ufpa.br](mailto:jdlopes@ufpa.br)

<sup>2</sup> Coordenador do Departamento do Patrimônio Imaterial – IPHAN. E-mail: [marcus.garcia@iphan.gov.br](mailto:marcus.garcia@iphan.gov.br)

conviver e estudar, legou à posteridade um dos mais importantes documentos-síntese relacionado à etnografia, à história, à geografia e à linguística das diversas populações indígenas, o seu Mapa Etno-Histórico do Brasil e Regiões Adjacentes.

Compilando informações de centenas de fontes documentais e contando ainda com os dados colhidos *in loco*, Nimuendajú inscreve seu nome no *hall* de pesquisadores que buscaram não apenas estudar as populações indígenas, mas, sobretudo, ter a experiência de conviver com elas, de aprender com elas e, no seu caso, de morrer em uma delas.

A originalidade desse mapa está não apenas na elaboração de um complexo e eficiente registro de grupos indígenas presentes em diferentes cronologias, mas principalmente por conseguir demonstrar a própria dinâmica de deslocamento de uma grande quantidade de grupos localizados em nosso país e em países fronteiriços.

Diante de toda essa riqueza de dados, que durante muito tempo ficou restrito a pesquisadores, tais como antropólogos e linguistas, não é possível ficar indiferente, por isso, na década de 1980, foi feita a primeira publicação desse mapa, que viria a ser reimpresso nos anos de 1987 e 2002.

No entanto, a publicação impressa desse material, apesar de essencial (como se verá mais adiante), ainda não é suficiente para demonstrar toda a dinâmica presente nesse elaborado documento, que articula, de maneira inovadora, camadas e camadas de informações, que podem ser percebidas, agora, graças ao advento de novas tecnologias da informação e da comunicação.

Assim, buscou-se, a partir de uma parceria entre o Iphan e a Universidade Federal do Pará (Campus Universitário do Tocantins/Cametá), a construção de uma plataforma digital baseada diretamente nos dados contidos nesse mapa, que será apresentada neste trabalho.

## 1. A construção do Mapa

Ao lançar-se à tarefa de construir um mapa que fosse capaz não só de situar no tempo e no espaço todas (ou pelo menos a maioria) dos grupos indígenas do Brasil e de regiões vizinhas (existentes e extintas) conhecidas até a década de 1940, mas também de indicar possíveis migrações de povos, considerando ainda fatores linguísticos e etnográficos, Nimuendajú estava na verdade construindo uma das importantes peças de seu legado tanto para pesquisadores quanto para os próprios indígenas, pois situou com ciência e arte a presença indígena em todo o território brasileiro.

De acordo com Faria (IBGE, 1981:21), “Curt Nimuendaju desenhou nada menos de três exemplares: um para o Museu Goeldi, outro para a *Smithsonian Institution* e um terceiro para o Museu Nacional, feito por último e provavelmente o mais completo”.

O primeiro mapa a ser produzido foi enviado para a *Smithsonian Institution*, que publicou parte dele no *Handbook of South American Indians* (Steward 1946), desconsiderando o sistema de cores estabelecido por Nimuendajú. Quanto ao segundo mapa, ele foi destinado ao Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém-PA, onde permanece até hoje. Associado ao mapa existe um livro que reúne todas os grupos citados no mapa, funcionando como um índice remissivo. Além disso, esse material contém 900 referências bibliográficas, todas associadas a, pelo menos, um grupo indígena, os quais serviram de base para a pesquisa documental de Nimuendajú. O último mapa, concluído um ano da morte do autor, foi enviado para o Museu Nacional do Rio de Janeiro, de cujo acervo faz parte desde então.

Com relação às dimensões do mapa, o que está no Museu Goeldi, por exemplo, tem quase 4 m<sup>2</sup>, o que permitiu ao seu autor alcançar um grau de detalhamento muito grande, como no caso do nome de pequenos rios, cuja tipografia foi tão reduzida em seu tamanho que, mesmo diante do mapa, há certa dificuldade em ler o que foi escrito.

Já a indicação dos nomes dos grupos obedeceu a três critérios, o primeiro foi a construção de duas tipografias diferentes, uma para indicar os grupos existentes e outra para os grupos extintos. Estas receberam letras sem serifa e aquelas, letras com serifa. No caso dos grupos existentes, Nimuendajú os subdividiu em “com sede atual” e “com sede abandonada”. Aos primeiros, usou a tipografia normal; já aos segundos, recorreu à mesma tipografia, mas com fundo vazado, conforme observa o próprio Nimuendajú:

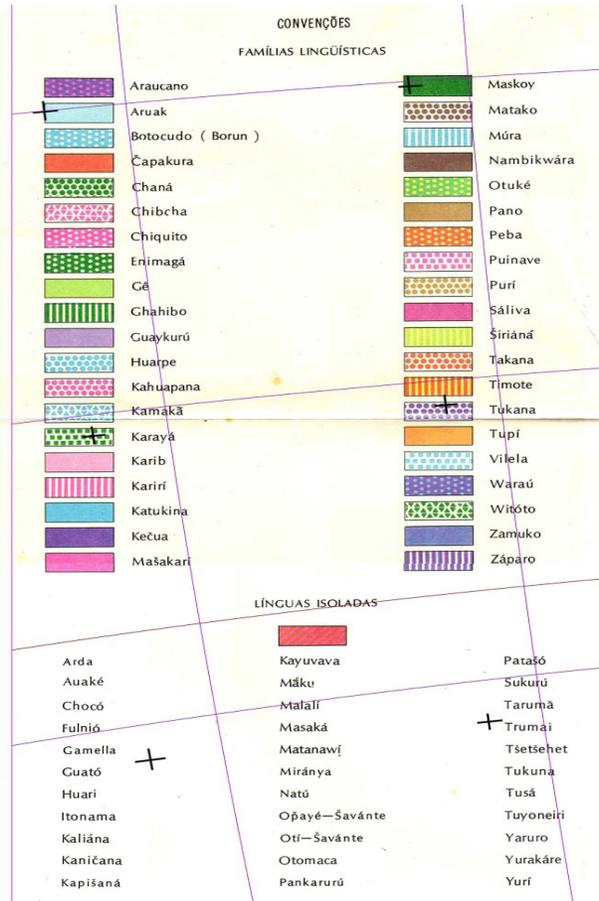
Elle se distingue de todos os outros trabalhos congeneres pela tentativa de conseguir uma perspectiva historica a fim de evitar os anacronismos que enxameiam naquelles. Essa perspectiva procurei obter com os meios seguintes: a) Distinguindo tres formas de letras para os nomes das tribus: [...] para as localisações actuaes das tribus. [...] para a localisação das sedes historicas de tribus existentes (sedes abandonadas). [...] para tribus extinctas. (IBGE 1981:31).

Ter o cuidado de distinguir os povos ainda existentes daqueles já extintos demonstra perfeitamente a perspectiva etno-histórica adotada por Nimuendajú.



Relacionado a essa marcação com linhas, o terceiro critério adotado por Nimuendajú foi o de associar os povos a famílias linguísticas, identificando cada uma das 40 famílias com cores. Assim, sob o nome de um povo, cada linha recebia a cor correspondente à língua falada pelo grupo, de acordo com a respectiva família linguística.

**Quadro com as convenções de texturas associadas a cores da publicação do Mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendajú (IBGE 1981)**



Há de se destacar ainda que o mapa, construído com essa série de recursos gráficos, apresenta uma dinâmica e complexa rede de informações, que foi, de certo modo, inovadora para sua época. Ao indicar com setas a direção de migração de determinado povo ou ao compilar informações históricas sobre povos indígenas já extintos, Nimuendajú apresenta sincronias distintas, como se fossem múltiplos mapas justapostos, em perfeita interação. Também é possível notar nesse mesmo mapa, num único olhar, onde estão (ou estavam) as grandes concentrações populacionais de povos indígenas, revelando perfeitamente toda a diversidade de povos indígenas de grande parte da América do Sul.

## 2. A primeira publicação

Durante quase quatro décadas, o mapa permaneceu acessível somente nos espaços das respectivas instituições que os receberam, mas, no final da década de 1970, decidiu-se pela publicação desse documento. No entanto, a reprodução literal de um dos originais foi o primeiro obstáculo encontrado por esse projeto de publicação, o que levou seus idealizadores a tomarem a decisão de fazer uma versão em tamanho menor, com um novo sistema de cores e tipografias, além de proceder ajustes no traçado de rios e a inclusão de um sistema de coordenadas, substituindo o sistema original de marcação em quadrantes proporcionais.

Sem considerar a publicação parcial do Mapa de Nimuendajú feita pela Smithsonian no *Handbook* (Steward 1946), que é um perfeito exemplo da dificuldade técnica de publicar obra com tamanha complexidade, a primeira publicação completa do Mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendajú ficou pronta em 1981, sob os auspícios da Fundação Nacional Pró-Memória em parceria com o IBGE. Decidiu-se também fazer uma compilação de artigos e reuni-los na publicação onde seria encartado (dobrado) esse mapa.

Uma segunda tiragem dessa mesma edição foi feita em 1987, no entanto, com uma significativa mudança na qualidade das cores impressas. Haveria ainda uma terceira tiragem, como edição fac-similar, apoiada pelo Ministério da Educação, em 2002, mas cujo resultado na impressão do mapa não alcançou a qualidade da primeira versão.

Se, por um lado, essa publicação do mapa conservou tanto o sistema tipográfico quanto o sistema de cores do mapa original, por outro, houve alterações significativas da proposta original de Nimuendajú que chegaram a interferir no sistema de referência proposto por esse pesquisador. Tal foi o caso do sistema de coordenadas que, ao substituir o sistema de quadrantes original, deslocou a referência de determinados povos de um quadrante para outro, gerando uma inconsistência no índice de tribos do livro que acompanha o mapa.

## 3. Registro documental do mapa

Dentro do contexto do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), instituído pelo Decreto nº 7.387, de 9 de dezembro de 2010, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), por meio do Departamento de Patrimônio Imaterial (DPI), propôs, em 2015, uma ação que buscava olhar para o passado a fim de descortinar perspectivas de futuro, ou seja, voltar-se para um dos mais importantes documentos históricos que revelou, definitivamente, a grande diversidade linguística do Brasil: o Mapa Etno-Histórico de Nimuendajú. Para tanto, buscou estabelecer, em 2015, parceria com a Universidade Federal do Pará, por meio de um projeto para realizar o registro digital desse mapa e, a partir dele, propor uma série de ações que permitissem dar visibilidade a esse importante documento. Dentre essas ações estão a elaboração de uma nova

edição do mapa e também a construção de uma plataforma digital baseada no próprio mapa.

O trabalho de registro digital do Mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendajú ainda hoje é um grande desafio, não somente devido à sua grande dimensão, mas também às condições físicas do material, que, depois de 70 anos, pode apresentar sinais de desgaste nas bordas, mudança da textura e variações na forma do papel. Já que o tamanho do mapa impede que ele seja capturado inteiro por um scanner (e mesmo que o pudesse, as variações na superfície no papel ainda interfeririam no resultado da imagem). Por isso, o processo mais viável para realizar o registro do mapa é por meio de fotografias digitais de alta definição.

No caso do mapa que está no Museu Emílio Goeldi, primeiro original a que o projeto teve acesso em maio de 2016, foram feitas fotografias de cada um dos quadrantes do mapa por um fotógrafo profissional. As imagens do mapa foram, então, selecionadas e agrupadas em pastas identificadas conforme o sistema de quadrantes do mapa (A1, A2, B4, B7, C3, por exemplo).

Com base nesse conjunto de imagens em alta definição do mapa, tornou-se possível realizar a montagem de uma primeira versão digital completa do Mapa Etno-Histórico, o que contribuirá bastante para a construção da plataforma digital.

Outra ação relacionada ao registro do mapa é a de buscar reunir o maior número possível das referências bibliográficas citadas por Nimuendajú em seu “Índice Bibliográfico”, a serem disponibilizadas na base eletrônica. Tal ação deverá contar com a participação de um conjunto de instituições, principalmente bibliotecas e acervos físicos e digitais, que detêm as referências citadas pelo pesquisador. Nesse sentido, a plataforma poderá criar uma importante rede de cooperação interinstitucional em favor do conhecimento dos povos e culturas indígenas de nosso país.

#### **4. Perspectivas da Plataforma Eletrônica**

Como dita na seção anterior, a construção de uma plataforma eletrônica ou digital para abrigar o mapa é uma das principais ações desenvolvidas para dar visibilidade a esse documento produzido na década de 1940 e que, apesar de seus mais de 70 anos, continua a ser uma importante referência para estudiosos de diversas áreas.

Essa plataforma digital do mapa contará tanto com o maior número possível de versões completas do original, tal como foram produzidas por Nimuendajú<sup>3</sup>,

---

<sup>3</sup> Em parceria com o Museu Paraense Emílio Goeldi, já foi possível obter a cópia digital completa do mapa que está sob sua guarda. A versão publicada também já está em uma forma digital e constituirá uma das camadas da plataforma. Resta conseguir uma cópia do que está sob a guarda do Museu Nacional do Rio de Janeiro e da Smithsonian Institution.

quanto uma versão redesenhada (de base vetorial) do mesmo mapa, sendo que é esta última forma permitirá acesso a um sistema de busca de informações no interior do material.

Trata-se de uma ação inédita que pode ser justificada, antes de tudo, porque o próprio mapa, conforme sua estrutura, permite a construção de diversas camadas de informações, todas extraídas dessa mesma fonte, adaptando-se perfeitamente à própria dinâmica exigida pelas bases eletrônicas mais modernas.

Ademais, uma plataforma dessa natureza pode representar o início de uma plataforma ainda maior, capaz de receber não apenas os dados já constantes nos documentos pesquisados, mas ainda todos os dados ainda a serem coletados.

Contudo, se uma plataforma como essa interessa, num primeiro momento, a pesquisadores de diferentes áreas, como antropólogos, linguistas, historiadores e geógrafos, ao estar disponível *on-line*, ela também pode ser útil a diversos profissionais, como educadores, jornalistas e estudiosos interessados nas línguas-culturas de povos indígenas do Brasil. Certamente não podemos deixar de destacar que uma plataforma digital com esse conteúdo atenderia, sobretudo, aos próprios povos indígenas.

## Considerações Finais

Todo o esforço empreendido para tentar documentar o Mapa Etno-Histórico do Brasil e Regiões Adjacentes, fazendo-o dialogar com as tecnologias de nosso tempo, coincide com os setenta anos da morte de Nimuendajú.

Esperamos que esse trabalho motive pessoas a quererem conhecer a obra desse pesquisador alemão-brasileiro e, mais que isso, percebam a grande diversidade linguístico-cultural que ainda existe em nosso país.

## Referências

- Brasil. 1981. Mapa etno-histórico de Curt Nimuendaju. Rio de Janeiro: Fundação Instituto de Geografia e Estatística em colaboração com a Fundação Nacional Pró-Memória.
- \_\_\_\_\_. 1987. Mapa etno-histórico de Curt Nimuendaju. 2ª impressão. Rio de Janeiro: Fundação Instituto de Geografia e Estatística em colaboração com a Fundação Nacional Pró-Memória.
- \_\_\_\_\_. 2002. Mapa etno-histórico de Curt Nimuendaju. Edição fac-similar. Rio de Janeiro: IBGE; Brasília, DF: Ministério da Educação.
- Steward, Julian H. (Ed.). 1946. Handbook of South American Indians. Washington: Government Publishing Office, Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology.
- Nimuendaju, Curt. 1943. Mapa Etno-Histórico do Brasil e Regiões Adjacentes. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. 1 mapa, 185cm x 200cm, escala 1:2.500.000

